



SEÇÃO:

Prostituição Sagrada: uma prática presente entre os hebreus?

Sacred Prostitution: a present practice among the Hebrews?

La Prostitución Sagrada: ¿Una práctica presente entre los hebreos?

Janaina de Fátima

Zdebskyi¹

orcid.org/0000-0001-9389-2738

janazdebskyi@gmail.com

Recebido em: 30/10/2019.

Aprovado em: 27/3/2020.

Publicado em: 23/12/2020.

Resumo: A menção de uma prostituta sagrada aparece no livro de Gênesis, capítulo 38, referindo-se a Tamar, nora do patriarca Judá. A partir dessa fonte a ideia do presente artigo é compreender do que se trata esse fenômeno da prostituição sagrada nesse contexto do Antigo Crescente Fértil e refletir sobre porque essa prática aparece em uma narrativa atribuída ao povo hebreu. Essa discussão será feita por meio da análise do capítulo 38 de Gênesis em articulação com outros textos do *Antigo Testamento*, bem como com fontes arqueológicas do contexto em questão. Através dessas análises foi possível perceber que o fenômeno que se convencionou traduzir ou denominar atualmente de "Prostituição Sagrada" consiste em uma variedade de práticas que estavam presentes em contextos sagrados e ritualísticos, envolvendo intercursos sexuais e o culto a deusas com atributos relacionados com sexualidade e fertilidade.

Palavras-chave: Prostituição Sagrada. Antigo Crescente Fértil. Hebreus. Tamar.

Abstract: The mention of a sacred prostitute appears in the book of Genesis, chapter 38, referring to Tamar, daughter-in-law of the patriarch Judah. From this source the idea of this article is to understand what it is the phenomenon of sacred prostitution in this context of the Old Fertile Crescent and reflect on why this practice appears in a narrative attributed to the Hebrew people. This discussion will be done through the analyses of Genesis, chapter 38 in conjunction with other Old Testament texts, as well as with archaeological sources of the context in question. Through these analyzes it was possible to realize that the phenomenon that is now conventionally translated or denominated "Sacred Prostitution" consists of a variety of practices that were present in sacred and ritualistic contexts, involving sexual intercourse and the worship of goddesses with attributes related to sexuality and fertility.

Keywords: Sacred Prostitution. Old Fertile Crescent. Hebrews. Tamar.

Resumen: Se menciona a una prostituta sagrada en el capítulo 38 del libro del Génesis, en referencia a la nuera del patriarca Judá: Tamar. Desde esta fuente, este artículo persigue el objetivo de comprender de qué se trata tal fenómeno de la prostitución sagrada en la Antigua Media Luna Fértil y reflexionar por qué esta práctica es parte de una narrativa que se atribuye al pueblo hebreo. Esta discusión se realizará a través del análisis del capítulo 38 del Génesis en articulación con otros textos del Antigo Testamento, así como con fuentes arqueológicas. A través de estos análisis es posible percibir que el fenómeno a que actualmente se dice "Prostitución Sagrada" es una variedad de prácticas presentes en prácticas sagradas y ritualísticas, implicando relaciones sexuales y el culto a diosas a quién se atribuye la sexualidad y la fertilidad.

Palabras clave: Prostitución sagrada. Antigua Media Luna Fértil. Hebreos. Tamar.



¹ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Introdução

Tamar, nora do patriarca Judá, deixou suas vestes de viúva, cobriu-se com um véu e sentou-se na encruzilhada que está sobre o caminho de Timná, disposta a utilizar de sua astúcia para ser dona de seu próprio destino e fazer justiça diante das atitudes de seu sogro. Judá, ao vê-la, tomou-a por uma consagrada ao rito de prostituição sagrada, ou seja, uma sacerdotisa que estava a realizar um ritual para a deusa cananeia da região, ligada à fertilidade e à sexualidade. Sem saber que se tratava de sua nora, Judá foi com ela. Meses depois, ao ser informado que sua nora estava grávida, Judá ordenou que queimassem Tamar viva por sua má conduta, porque sua gravidez envergonhava a honra de sua família. Tamar prosseguiu com seu plano e revelou que era a prostituta sagrada por debaixo do véu, apresentando as provas de que Judá era o pai dos filhos que ela gerava em seu ventre. O patriarca se viu obrigado a reconhecer sua injustiça e a declarar, publicamente, Tamar como justa.

Esse trecho, aqui contado com minhas palavras, está presente no livro de Gênesis, capítulo 38, da *Torá*,³ bem como do *Antigo Testamento*, e é capaz de inspirar diversos questionamentos: por que Tamar, nora e viúva de homens hebreus, estaria praticando um culto atribuído aos cananeus e que evoca seus elementos míticos?; por que Judá, sendo uma figura importante no mito de origem do povo hebreu, se envolveu com essa prática que podemos considerar sendo estrangeira?; como podemos definir "prostituição sagrada" nesse contexto?

Essas são as questões que pautam o desenvolvimento do presente artigo, objetivando discutir do que se trata o fenômeno conhecido por "prostituição sagrada" em fontes do Antigo Crescente Fértil, compreendendo essa prática dentro de ritos e cultos dedicados a deusas da fertilidade da região e, por fim, refletindo

sobre o contexto que faz com que esse tema seja mencionado em um trecho da *Torá*, um documento atribuído ao povo hebreu.

1 A prostituição de Tamar e a prostituição das sacerdotisas cultuais

Para refletir sobre essas questões propostas, se faz necessário então, apresentar na íntegra a narrativa de Gênesis, capítulo 38, que acima descrevi com minhas palavras, a qual será um eixo norteador para as discussões que pretendo levantar:

E foi naquele tempo e desceu (apartou-se) Judá de seus irmãos, e associou-se a um homem adulamita, cujo nome era Chirá. E viu ali Judá a filha de um homem comerciante⁴, o qual se chamava Shúa; e tomou-a e esteve com ela; e concebeu e deu à luz um filho, e ele chamou seu nome Er. E concebeu mais, e deu à luz um filho, e ela chamou seu nome Onán. E deu à luz mais um filho, e ela chamou seu nome Shelá, e estava em Kezib quando deu à luz a este. E tomou Judá mulher para Er, seu primogênito, e seu nome era Tamar. E foi Er, primogênito de Judá, mau aos olhos do Eterno, e o matou o Eterno. E disse Judá a Onán: Vem à mulher de teu irmão e cumpre a lei do levirato, e da sucessão a teu irmão. E soube Onán que a semente não seria dele, e quando ia à mulher de seu irmão, jogava (seu sêmen) no chão, para não dar sucessão a seu irmão. E foi mal aos olhos do Eterno o que fez, e matou também a ele. E disse Judá a Tamar, sua nora: Fica viúva em casa de teu pai, até que cresça Shelá. Meu filho; porque disse consigo: Quiçá morra também ele como seus irmãos. E foi-se Tamar, e esteve em casa de seu pai. E multiplicaram-se os dias, e morreu a filha de Shúa, mulher de Judá, e consolou-se Judá e subiu aos tosquiadores de seu rebanho, ele e Chirá, seu companheiro o Adulamita, em Timná. E foi anunciado a Tamar, dizendo: Eis que teu sogro dubiou a Timná a tosquiador seu rebanho. E tirou os vestidos de sua viuvez de si, e cobriu-se com véu, e envolveu-se, e sentou-se na encruzilhada que está sobre o caminho de Timná, porque viu que crescera Shelá, e ela não lhe foi dada por mulher. E viu-a Judá, e pensou que fosse rameira, pois cobriu suas faces. E se dirigiu a ela no caminho, e disse: Venha, rogo, estarei contigo – porque não sabia que era sua nora – e (Tamar) disse: Que me darás quando vieres a mim? E disse: Mandarei meu cabrito do rebanho. E ela disse: Se me deres um penhor

³ Utilizo a edição da *Torá*, A lei de Moisés, da Editora e Livraria Séfer, de 2001, para todas as citações do livro de Gênesis. Já para as citações dos livros de Reis e Jeremias utilizo os livros da *Bíblia de Jerusalém*, da Editora Paulus, 2002; sendo esse o motivo de, algumas vezes, mencionar a *Torá* e outras *Antigo Testamento*, visto que se tratam de obras distintas que foram utilizadas enquanto fonte.

⁴ De acordo com as notas de rodapé da *Torá*, a palavra em hebraico traduzida por "comerciante" é *kenaani* (Canaanita), porém o Talmud e os exegetas concordam que isso seria impensável para um descendente de Abraão, concluindo que esse termo designa também um comerciante destacado. Diferente disso, a versão da *Bíblia de Jerusalém* traduz o termo por "cananeu". Esses fatores mostram uma tensão entre os judeus em reconhecer a possibilidade de Judá ter se casado com a filha de um cananeu, uma mulher estrangeira, optando assim por traduzir o termo por "comerciante".

até o mandar. E disse: Qual é o penhor que te darei? E disse: Teu anel-selo, e teu manto, e a tua vara que tens na mão. E deu-lhe, e veio a ela e concebeu dele. E (ela) levantou-se e se foi; e tirou seu véu sobre si, e vestiu os vestidos de sua viuvez. E mandou Judá o cabrito por mãos de seu companheiro, o Adulamita, para tomar o penhor da mão da mulher; e não a encontrou. E perguntou aos homens de seu lugar, dizendo: Aonde está a consagrada (à prostituição) que estava à vista no caminho? E disseram: Não havia aqui nenhuma consagrada. E disse Judá: Que ela o guarde (o penhor), para que não sejamos menosprezados. Eis que enviei o cabrito, e tu não a encontraste. E foi ao cabo de uns três meses e foi anunciado a Judá, dizendo: Adulterou Tamar, tua nora, e também está grávida por adultério. E disse Judá: Tira-a e que seja queimada. Ela, ao ser tirada, mandou dizer a seu sogro: Do homem a quem pertence isto, eu concebi. E disse: Reconhece, rogo, de que é este anel-selo, este manto e esta vara? E reconheceu Judá, e disse: Mais justa é ela do que eu, porque não dei a Shelá, meu filho, e não tornou a conhecê-la. E foi na hora de dar à luz e eis que havia gêmeos em seu ventre. E foi ao dar à luz que saiu uma mão, e tomou a parteira e amarrou sobre a mão um fio avermelhado, dizendo: Este saiu primeiro. E foi ao retirar a mão, e eis que saiu seu irmão. E disse: Por que disseste força sobre ti? E chamou seu nome Pérets, E depois saiu seu irmão, que tinha sobre a sua mão o fio avermelhado, e chamou seu nome Zérach (BÍBLIA DE JERUSALÉM, p. 110-113).

Essa narrativa supracitada, por ser um trecho da *Torá*, é considerada como pertencente ao arcabouço mitológico do povo hebreu, porém é importante destacar que o fenômeno da prostituição sagrada ali mencionado não é uma prática que aparece somente na *Torá*. Sendo assim, se faz necessário contextualizar que os hebreus foram apenas parte do mundo ou região que convencionou-se chamar de Crescente Fértil. Eles interagiam intensamente com os cananeus e mesopotâmicos e adotaram algumas de suas práticas religiosas, mesmo que as resignificando. Nas narrativas presentes na própria *Torá*, percebemos elementos que apontam que os homens desse povo casavam-se com as mulheres cananeias, ofereciam sacrifícios às deidades locais e celebravam a sua plantação com festivais de colheita compartilhados com outros povos da região, sendo assim, as conexões entre esses

grupos de pessoas eram recorrentes e ocorriam das mais diversas formas (MONTALVÃO, 2009).

Antes de seguir, gostaria de enfatizar que o objetivo do presente artigo não está restrito apenas à discussão da história dos hebreus enquanto povo, mas também se propõe a compreender as fontes que foram atribuídas a eles enquanto mitos de origem, tomando como tema central a menção à prática da prostituição sagrada, bem como a questão dos cultos dedicados a deusas da sexualidade e da fertilidade, problematizando justamente o fato de elementos como esse aparecerem em documentos como a *Bíblia Hebraica*. Considero que a ideia de "hebreus" se trata de uma identidade de povo,⁵ construída em um longo processo, permeado por tensões e conflitos, sendo que as narrativas que constituem a *Bíblia Hebraica* são essenciais para compreensão da história desse processo.

Assim, nas discussões feitas aqui, a prática da prostituição sagrada, que reúne um amplo conjunto de fontes possíveis de serem colocadas em diálogo, será justamente o fio condutor para compreender e visualizar indícios de conexões e compartilhamentos de práticas culturais entre os povos do Antigo Crescente Fértil. Para isso, gostaria de apresentar o debate já existente nas obras de outras(os) autoras(es) que abordam o tema e, também, a presença dessa ideia de "Prostituição Sagrada" em diferentes fontes.

Sobre a questão da terminologia, Sérgio Aguiar Montalvão (2009, p. 1321-1324) cita o *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, edições Vida Nova (1998), para afirmar que os prostitutos e prostitutas culturais são nomeados como *qdoshim* e *qdshot* e podem também ser chamados de santos e santas, por serem separados para o serviço sagrado. Tanto o substantivo *qodesh* quanto o adjetivo *qadosh* transmitem a ideia de santidade. Esse adjetivo não poderia servir para qualificar a prostituta da taverna ou da cervejaria, nem para ser sinônimo de mulher adúltera ou traidora, pois está

⁵ Faço essa discussão no capítulo "Yahweh: um deus à imagem e semelhança do patriarca" do livro *Fronteiras Culturais no Mundo Antigo: Ensaio sobre Identidades, Gênero e Religiosidades* (ver a referência completa com link de acesso nas referências finais deste artigo).

intrinsecamente ligado ao sagrado e a atos de culto (MONTALVÃO, 2009). Logo, é a prostituição cultural que possui esse sentido, por ser uma prática em que as mulheres que "serviam nos santuários idólatras foram denominadas *qdshot*, 'prostitutas culturais'" (MONTALVÃO, 2009, p. 13).

Fernando Cândido da Silva (2011), também faz uma crítica a esses termos, justamente por suspeitar de uma hermenêutica oculta que as traduções bíblicas guardam. Ao discutir sobre aqueles que são abomináveis aos olhos de YHWH, o autor mantém os termos *qedeshah* e *qadesh*, em hebraico, afirmando que esses sujeitos foram classificados como prostituta e prostituto sagrados. Além disso, Silva (2011) esclarece que a raiz *qdsh* não possui qualquer ligação com a raiz *znh*, que definiria um tipo de prostituição que não tem ligação com o sagrado e o culto. Sendo assim, essas pessoas ligadas à raiz *qdsh* são consideradas, ou acusadas de – no caso dos hebreus – serem consagrados.

Sobre a diferença entre a *qedesha*, como prostituta sagrada, e a *zonah*, André Chouraqui (1990) afirma que existe uma distância considerável entre as duas, sendo que ambas se dedicavam a práticas relacionadas à satisfação sexual, mas enquanto *zonah* serve ao humano, *qedesha* é sacerdotisa de um ídolo, ou uma deusa. Para o autor, Tamar é tomada por Judá enquanto uma *qedesha*, e ainda assim o patriarca não hesita em barganhar seus serviços, mesmo sabendo o que isso significa aos olhos de seu deus YHWH (CHOURAQUI, 1990), ou seja, uma abominação ou traição. Sérgio Aguiar Montalvão (2009) também afirma que no caso da narrativa de Tamar, em gênesis 38, aparecem ambos os termos já citados, tanto *qdshah* – nos versículos 21 e 22 –, quanto *zonah* – nos versículos 15 e 24 –, na perspectiva do autor, isso pode indicar que o termo *zonah*, em algumas narrativas, não está completamente separado de questões culturais e ritualísticas.

Buscando compreender como esses termos aparecem entre diferentes povos do Crescente Fértil, Montalvão (2009), analisa discussões feitas por Smith, afirmando que:

A *qadištu* da Babilônia e da Assíria possui um equivalente encontrado no *qadesh* e na *qdshah* da Bíblia Hebraica. Smith observa que a primeira menção dos *qdoshim* e das *qdshot* na Bíblia Hebraica foi nos dias de Roboão, ao demonstrar que a prática era bastante antiga e que persistiu até o final do reino unido de Israel. [...] a *qadištu* mesopotâmica era uma prostituta do templo que se estabeleceu ali há algum tempo atrás; ela é frequentemente mencionada na literatura religiosa, especialmente em conexão com o culto de Ishtar. O Código de Hammurabi menciona-a em apenas uma lei, parágrafo 181 (MONTALVÃO, 2009, p. 23).

Podemos encontrar registros de mulheres que serviam nos templos como sacerdotisas, no período da antiga Babilônia. Astour, 1937 (apud MONTALVÃO, 2009), afirma que nessa região havia numerosas categorias de prostitutas que eram divididas em dois grupos principais:

As prostitutas de rua (como *harimtu*, *šamhatu*, *kezretu*), e prostitutas do templo. As leis da Assíria Média reconhecem as duas classes: *harimtu* e *qadltu* (forma dialetal de *qadištu*), que correspondem à *qdshah* e à *zonah* bíblicas (MONTALVÃO, 2009, p. 25).

De fato, percebemos que a existência de mulheres que serviam como sacerdotisas em templos de deusas e deuses cultuadas(os) na Mesopotâmia tem registro em uma fonte importante atribuída a esse povo, mostrando que essa função estava presente na organização social da Mesopotâmia, já que o Código de Hammurabi traz leis específicas sobre as condições do direito de herança dessas mulheres:

§ 180 Se um pai não deu um dote à sua filha, *naditum* de um *gagum* ou *sekretum*, depois que o pai morrer ela receberá dos bens da casa paterna uma parte como a de um herdeiro: enquanto ela viver terá usufruto, mas sua herança é de seus irmãos.

§ 181 Se um pai consagrou a deus (sua filha) como *naditum*, *qadišum* ou *kulmašitum* e não lhe deu um dote de presente, depois que o pai morrer, ela receberá dos bens da casa paterna 1/3 de sua herança; enquanto viver, ela terá usufruto, mas sua herança é de seus irmãos (BOUZON, 1992, p. 172-173).

Emanuel Bouzon (1992) coloca em notas explicativas mais informações a respeito dessas mulheres dedicadas ao culto, afirmando que os parágrafos 180 e 181 são destinados justamente

a "regulamentar os meios de subsistência de um grupo de mulheres, consagradas ao serviço do culto, e que não receberam de seu pai um dote" (BOUZON, 1992, p. 173). Mais que isso, o autor também faz discussões a respeito das terminologias, afirmando que o parágrafo 181 trata de três classes diferentes de sacerdotisas:

O §180 determina que uma *LUKUR GÁ.GI.A* = "uma *nadītum* de convento" e uma *ZI.IK.RU.UM*, que durante a vida de seu pai não receberam dele uma *šeriktum*, deverão, após a morte deste, receber, *i-na NÍG.GA. É A.BA zī-ir-tam ki-ma ap-lim iš-te-em*: "dos bens da casa paterna uma parte como (a) de um herdeiro" [...] (BOUZON, 1992, p. 172).

Sobre o parágrafo 181, o autor afirma que:

Šum ma a-bu-um LUKUR NU.GIG ù lu NU.BAR a-na DINGIR iš-ši-ma še-ri-ik-tam la iš-ru-uk-ši-im: "Se um pai consagrou a deus (sua filha) como *nadītum*, *qadištum* ou *kulmašitum* e não lhe deu um dote de presente". A expressão acádica *ana ilim našu* significa sem dúvida, "consagrar ao serviço de deus". O parágrafo trata de três classes diferentes de sacerdotisas. A primeira introduzida pelo sumerograma *LUKUR* que corresponde ao título acádico *nadītum*, já foi tratada acima. A segunda é descrita pelo sumerograma *NU.GIG*, que corresponde ao acádico *qadištum*. A terceira classe é denominada *NU.BAR*, cujo equivalente é a sacerdotisa babilônica *kulmašitum* (BOUZON, 1992, p. 173).

Conforme já afirmei, nas narrativas da *Torá* e da *Bíblia de Jerusalém*, podemos considerar que o termo utilizado para descrever Tamar seria ligado à "prostituta sagrada", ou seja, uma *qdshah*, ou *qedesha* (MOLTALVÃO, 2009). Para André Chouraqui (1990), esse termo é equivalente à *qadištum* do Código mesopotâmico citado anteriormente. É interessante perceber, também, a questão da preocupação específica com esse grupo de mulheres com relação ao seu sustento e direito à herança paterna, indicando a possibilidade de que uma parcela significativa delas não se casava (BOUZON, 1992).

Mesmo sem a possibilidade de grandes aprofundamentos na presente discussão, é importante mencionar outras correlações entre a fonte de Gênesis 38 e os códigos de lei babilônicos. No parágrafo §182 do Código de Hammurabi, aparece também o elemento

do selo, mais especificamente um documento selado; a função desse objeto chamado de "Selo-Cilíndrico" aparece em outras leis do Código de Hammurabi (BOUZON, 1992), servindo para legitimar documentos, como uma espécie de assinatura, sendo então esse o sentido do "selo" como objeto pertencente a Judá que é apropriado por Tamar. Nesse caso, ela se apropria da "assinatura" ou da legitimidade do patriarca, mostrando um objeto que carrega seu "nome" para provar que está falando a verdade.

Outro aspecto interessante a ser percebido nos parágrafos do código é o sumerograma *NU.GIG*, que de acordo com Emanuel Bouzon (1992) é correspondente ao acádico *qadištum*. Em uma versão anterior do Código de Hammurabi – 2.ª edição de 1976 – Bouzon afirma que "etimologicamente *qadištum* (sumeriograma *NU.GIG*) significa consagrada" (1992, p. 82), no caso a mesma palavra utilizada para se referir a Tamar no versículo 21 da *Torá*: "Aonde está a consagrada (à prostituição)" (1992, p. 112). Porém, Bouzon afirma que essa "era uma classe de mulheres consagradas à divindade, mas, em geral, independentes do templo e não obrigadas ao celibato" (1992, p. 82). De acordo com *A Concise Dictionary of Akkadian* (BLACK; GEORGE; POSTGATE, 2000) a raiz *qdš*, com sumerograma *NU.GIG*, significa "status of a *qdš*-cultic servant" (2000, p. 282), ou seja, uma ou um serva(o) cúltica(o) ou do templo.

Além de estar presente no Código de Hammurabi, o sumerograma *NU.GIG* também aparece em outra fonte mesopotâmica, a qual tem fortes conexões com os temas abordados aqui, visto que se trata de um hino dedicado à deusa mesopotâmica do sexo (Inanna) e, também, menciona mulheres que, como prostitutas, desfilam diante dessa divindade:

Estrela da tarde

[...] A santa [*NU-GIG*], que chegou do alto,

Eu louvarei!

A grandiosa rainha do Céu, Inanna [...]

Cativos com jugos ao pescoço lamentam-lhe a sua sorte

- diante da santa Inanna, diante dos olhos dela, desfilam -

Donzelas e velhas enrugadas, de cabelo encaracolado como as prostitutas

- diante da santa Inanna, diante dos olhos dela, desfilam -

Adagas e maças enraivecem-se diante dela

- diante da santa Inanna, diante dos olhos dela, desfilam - (BARBAS, 2004, p. 14-15).

O termo *NU-GIG* também é analisado por Simone Aparecida Dupla (2012) que as considera como hieródulas que povoavam os recintos do templo e, no poema de louvor em questão ele aparece justamente para se referir à deusa Inanna como santa, sagrada. Sendo assim, indo além das questões terminológicas, também articulando com essas discussões sobre os cultos a Inanna – que acabaram por adentrar nos parágrafos anteriores – e objetivando contextualizar a prática da prostituição sagrada no Antigo Crescente Fértil, ainda é preciso abordar com mais profundidade os cultos praticados por esses povos, principalmente aqueles em torno de deusas ligadas à sexualidade e à fertilidade – tanto Inanna, quanto a deusa cananeia Aserá –, já que ao falar sobre “prostituição sagrada” estamos falando justamente sobre sexo em um contexto de culto, como veremos a partir daqui.

Temos a presença de deusas da sexualidade e da fertilidade entre diversos povos do Crescente Fértil, a deusa cujo nome sumério é “Inana” e cujo nome acádico é “Ištar⁶” (OTTERMANN, 2006, p. 2) também encontra aspectos comuns em torno da sexualidade e da fertilidade na deusa Aserá dos cananeus, também conhecida como Astarte e Ashtoret (MONTALVÃO, 2009), e na deusa Háthor dos egípcios (BORGES; PETRILLI, 2013), que era ligada à figura da vaca como animal símbolo da sexualidade (SILVA, 2012). Para entender Tamar e sua prostituição, é preciso trazer para discussão essas divindades femininas, mais especificamente, as deusas Aserá e Inana/Ištar, como formas de costurar as conexões entre hebreus, cananeus e mesopotâmicos.

Essas deusas podem ser percebidas tanto em menções ou indícios presentes na própria narrativa da *Torá*, mas também em outros achados arqueológicos do contexto do Antigo Crescente Fértil. A deusa Asherah (ou Ašerá) é uma das divindades femininas do panteão cananeu, conhecida também pelo epíteto de qnyT ‘lm, “criadora de deuses” (SCREMIN, 2013, p. 59-60). A presença dessa divindade não fica restrita aos registros nos mitos cananeus, mas se estende por diversas linhas da *Torá* nas quais ela é mencionada.

Essa deusa estava relacionada ao culto da fertilidade, correspondente às forças da natureza que, quando reativadas, poderiam assegurar a desejada fertilidade do solo, dos animais e dos humanos (MONTALVÃO, 2009, p. 45). Também pode aparecer representada como “Árvore da Vida entre os animais, que dependem dela para a sua subsistência” (GRAY, 1982, p. 70), sendo que esse emblema sagrado que corresponde a Árvore da Vida vem sendo traduzido por “bosque”, que no *Antigo Testamento* é denominado *asherah* (GRAY, 1982).

A informação trazida por Gray é importante de ser pontuada, visto que está atrelada à questão de que o termo Aserá é mencionado 40 vezes na *Bíblia Hebraica*, com diferentes formas: três vezes no plural feminino *āšērôt*, dezenove vezes no plural masculino *āšērīm* e dezoito vezes no singular feminino *āšērāh*. Esse fator pode indicar que se trata de um termo com variedade de significados, por vezes, sendo um símbolo; uma árvore ou um tronco; um objeto e mesmo uma deusa, a Aserá (CARBÓ, 2012; SCREMIN, 2013, p. 65).

Nas narrativas atribuídas aos hebreus, em grande parte daquelas nas quais esse termo aparece, o objetivo do texto é de combater as práticas de culto dedicadas a Ašerá e/ou destruir seus postes sagrados. Em uma dessas narrativas, nesse caso presente no *Antigo Testamento*, o discurso de combate aos cultos dedicados a divindades consideradas estrangeiras aos hebreus aparece também ligado ao combate da prática de prostituição sagrada ou cultural. Esse aspecto

⁶ Tanto no que concerne ao nome das deusas que serão citadas nesse subcapítulo, quanto aos diversos termos que se referem à prostituição cultural ou sagrada, optei por utilizar a forma de escrita de cada autor(a) com quem dialogo nas citações, sem submeter os termos a uma padronização.

pode ser percebido na reforma religiosa em Judá, no período do rei Josias, mencionando a existência de casas de prostituição no templo de YHWH:

O rei ordenou a Helcias, o sumo sacerdote, aos sacerdotes que ocupavam o segundo lugar e aos guardas das portas que retirassem do santuário de lahweh todos os objetos de culto que tinham sido feitos para Baal, para Aserá e para todo o exército do céu; queimou-os fora de Jerusalém, nos campos do Cedron e levou as cinzas para Betel. Destituiu os falsos sacerdotes que os reis de Judá haviam estabelecido e que ofereciam sacrifícios nos lugares altos, nas cidades de Judá e nos arredores de Jerusalém, e os que ofereciam sacrifícios a Baal, ao sol, à lua, às constelações e a todo o exército do céu. Transportou do Templo de lahweh para fora de Jerusalém, para o vale do Cedron, o poste sagrado e queimou-o no vale do Cedron, reduziu-o a cinzas e lançou suas cinzas na vala comum. Demoliu as casas dos prostitutos sagrados, que estavam no Templo de lahweh, onde as mulheres teciam véus para Aserá (BÍBLIA DE JERUSALÉM, p. 540).

Essa narrativa traz diversos elementos que nos interessam no presente debate, a começar pela menção de cultos dedicados a divindades cananeias, envolvendo prostitutos sagrados e realizados no próprio templo de YHWH. Além disso, temos a menção dos "véus para Aserá", um acessório importante, visto que, em Gênesis 38, Tamar cobre-se com um véu para esperar Judá, o qual então a toma por uma consagrada à prostituição. De acordo com a análise de tradução de Guillermo Carbó (2012), essas mulheres realizavam a tarefa de tecer véus nas casas dos consagrados à prostituição (*bāttē haqq^edēsīm*), sendo que a expressão *q^edēsīm* – traduzida pela *Bíblia de Jerusalém* por "consagrados à prostituição" – está relacionada, conforme é mencionado na própria narrativa de 2Reis, com os cultos ligados a essa deusa cananeia (CARBÓ, 2012).

Essas práticas de culto também aparecem em outros excertos compilados⁷ por Sérgio Aguiar Montalvão (2009, p. 18):

Não haverá prostituta [*q^dshah*] dentre as filhas de Israel; nem haverá sodomita [*q^desh*] dentre os filhos de Israel. Não traráis salário de rameira [*zonah*] nem preço de cão [*keleb*] à casa do SENHOR, teu Deus, por qualquer voto; porque ambos estes são igualmente

abominação [*Tō^eēbā^h*] ao SENHOR, teu Deus (Deuteronômio 23, 18-19).

Porque também eles edificaram altos, e estátuas, e imagens de Asherah sobre todo o alto outeiro e debaixo de toda a árvore verde. Havia também sodomitas [*q^dēs*] na terra; fizeram conforme a todas as abominações dos povos que o SENHOR tinha expulsado de diante dos filhos de Israel (1Reis 14, 23-24).

Nesses excertos, é possível identificar a enfática condenação dos "prostitutos e prostitutas cultuais", que são considerados abominação entre os hebreus, além de relacionar essa prática com o culto da deusa Aserá. Com base nessas fontes, podemos sugerir que havia entre os israelitas a presença desses ritos ligados ao culto destinado às deusas estrangeiras, esse fator cria mais argumentos considerando a recorrência de narrativas de proibições desses cultos mencionadas no *Antigo Testamento*, visto que se as regras para proibir esses comportamentos entre os hebreus eram tão enfáticas e repetitivas, isso pode ser um indício de que eram cultos de fato recorrentes e motivos de preocupação por parte dos seguidores de YHWH.

Para além das menções bíblicas, Guillermo Carbó (2012) menciona artefatos arqueológicos como evidências extrabíblicas do culto à deusa Aserá, com ênfase para estatuetas encontradas em grande número na região da atual Palestina, que datam dos séculos VIII a VI a.E.C e que têm como uma de suas características os peitos exagerados e desnudos, o que também pode indicar a prática de culto à divindades com atributos de fertilidade e sexualidade nessa região (CARBÓ, 2012).

Essa caracterização ou imagem da deusa também é discutida pela pesquisadora Monika Ottermann (2004), quando ela destaca a presença de Aserá em Israel na Idade do Bronze Médio (1800-1500 a.E.C), sendo a representação dessa deusa caracterizada como:

"Deusa-Nua", destacando o triângulo púbico, emergindo também representações em forma de ramos ou pequenas árvores estilizadas, combinação que vem a ser denominada "Deusa-Árvore" (OTTERMANN, 2004 apud CORDEIRO, 2007, p. 6).

⁷ O autor utiliza a edição bíblica "Almeida Revista e Corrigida".

Outros achados arqueológicos mencionados por Carbó se referem aos artefatos encontrados por J. L. Sarkey, em 1934, em Lakish, os quais se constituem de pedaços de um jarro do século XIII a.E.C e, também, outros elementos decorados com a árvore ligada à figura de Aserá rodeada de cabras e pássaros. Entre esses outros elementos mencionados, se destaca um recipiente esférico no qual, ao invés da árvore, se encontra um triângulo de pontos que pode ser qualificado como "triângulo púbico", sendo que esse desenho está estampado

quatro vezes no recipiente encontrado. Para Carbó esse triângulo pode ser um indício de que a peça está ligada com a deusa da fertilidade cultuada na região, que pode ser Aserá (CARBÓ, 2012).

Essa ideia de uma deusa representada por imagens de um triângulo púbico, ou de um triângulo de cabeça para baixo, também está próxima das imagens atreladas à deusa mesopotâmica Inanna, como as analisadas por Simone Dupla (2016), na Imagem 1.

Imagem 1 – Placa de argila. Fragmento de ex-voto, escavado na região de Diyala. Período Babilônico Antigo



Fonte: HILL; DELOUGAZ, 1990, p. 231.⁸

Considerando as fontes, é possível afirmar que as deusas Inanna e Ašerá possuem representações em imagens com elementos comuns, além de estarem fortemente ligadas a aspectos da natureza, da fauna e da flora, sendo que esses aspectos estão relacionados com seus atributos de fertilidade. Mesmo já tendo sido mencionada anteriormente, é preciso apresentar mais profundamente a deusa Inanna, essa divindade foi assim conhecida pelo povo

Sumério, mas também identificada como Ištar entre os Amorreus, Semitas e Assírios (GRAY, 1982), ela foi a deusa tutelar da cidade de Uruk, na antiga Mesopotâmia (DUPLA, 2016, p. 16) e, principalmente durante III Dinastia de Ur (c. 2150-2100 a.E.C.), "foi associada ao desejo sexual e a energia libidinal" (DUPLA, 2016, p. 93). Apesar de ser uma deusa de múltiplos atributos, inclusive deusa da guerra, ela aparece em poemas e hinos como ligada à prostituição, prostitutas e tabernas.

⁸ HILL, Harold; DELOUGAZ, Pinhas; JACOBSEN, Thorkild. **Old Babylonian public buildings in the Diyala region**. The University of Chicago Oriental Institute Publications 98. Chicago: University Chicago, 1990. p. 231. Disponível em: <https://oi.uchicago.edu/sites/oi.uchicago.edu/files/uploads/shared/docs/oip98.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2019.

Dentre a grande quantidade de objetos de culto produzidos em dedicação à deusa Inanna na antiga Mesopotâmia, temos vestígios de um artefato localizado no templo de Uruk, o E-anna. Templos como esse eram a casa da deusa, "com servos que a alimentavam – com oferendas às suas imagens –, sacerdotes para entoar cantos, eunucos que prestavam serviços e sacerdotisas para cerimônias diversas" (DUPLA, 2012, p. 195), incluindo ritos que envolviam intercursos sexuais.

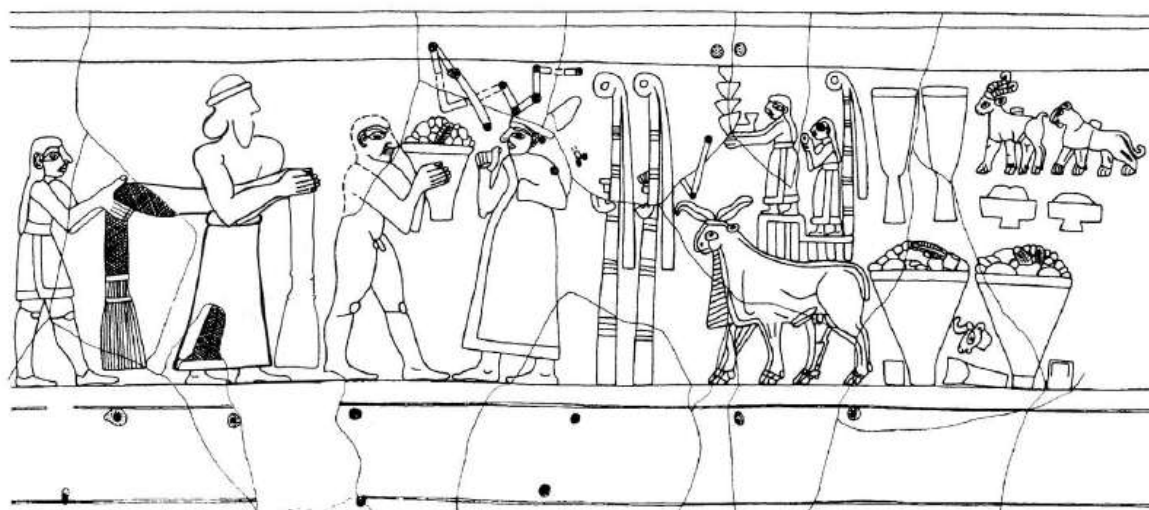
O artefato em questão é o Vaso de Uruk Warka, como ficou conhecido, datado de 320 a.E.C, que foi encontrado "no nível III do complexo templário do Eanna em 1940 durante uma expedição de arqueólogos alemães. Foi produzido em alabastro e, atualmente, o vaso se encontra no Museu de Bagdá" (DUPLA, 2016, p. 111-112) – ver Imagem 2.

Imagem 2 – Vaso de Uruk



Fonte: Foto extraída de Zainab Bahrani (2003, p. 12).⁹

Imagem 3 – Detalhe superior do Vaso de Uruk (quarta faixa)



Fonte: (DUPLA, 2016, p. 119).

O cenário apresentado na parte superior do vaso (Imagem 3) mostra um contexto de oferendas e traz elementos que indicam um espaço

sagrado. Nesse espaço está uma personagem em destaque: ela encontra-se descalça, tem cabelos longos e uma espécie de arranjo na

⁹ Mais fotos encontram-se disponíveis pelo University of Chicago Oriental Institute. Disponível em: <http://oi-archive.uchicago.edu/OI/IRAQ/dbfiles/objects/14.htm>. Acesso em: 10 dez. 2019.

cabeça; ao que parece ela indica a entrada desse espaço sagrado¹⁰ e estaria recebendo as oferendas trazidas. O personagem que está como primeiro da fila, portando uma dessas oferendas, encontra-se aparentemente nu e com seu pênis à mostra. Para Simone Aparecida Dupla (2016, p. 119) a personagem em destaque na entrada do espaço sagrado é "interpretada geralmente como uma sacerdotisa de Inanna", ou mesmo como a própria deusa, visto que em alguns ritos as sacerdotisas personificavam a deusa. Essa personagem, que pode ser uma sumo sacerdotisa do templo da deusa Inanna, está vestida da cabeça aos calcanhares com uma espécie de túnica longa.

Esse aspecto das vestes da sacerdotisa nos remete novamente à própria Tamar, que para se colocar como prostituta na entrada de Enaim cobre-se com um véu. Esse véu também pode ser compreendido como uma túnica ligada à função de sacerdócio nos templos de deusas ligadas à sexualidade e à fertilidade, considerando que em 2Reis, 23, 7, trecho supracitado como fonte bíblica relacionada com a deusa Aserá, a prática de tecer véus é mencionada ao ser combatida pela reforma religiosa de Judá ao proibir esse tipo de culto dedicado a divindades estrangeiras no templo de YHWH. De acordo com as notas do tradutor, esse "véu", seria o *baddim*, que se pode compreender como vestes, segundo o grego *chetlein* (*chiton*) – no caso das mulheres o *peplos* –, aproximado de *ketin*, o linho, segundo o assírio-babilônico *kitu* e o hebraico *ketonet*: túnica.

Além da túnica, outro elemento da narrativa de Tamar que podemos identificar na imagem do vaso, está relacionado aos caprinos. No vaso, podemos observar imagens de caprinos que aparecem por inteiro e, também, a cabeça de um caprino que se encontra acima daquilo que parece ser uma pedra destinada a sacrifícios.

Assim, a sacerdotisa do templo de Inanna, coberta por uma túnica recebe oferendas de um homem nu, incluindo o caprino para sacrifício, se assemelhando ao contexto de Tamar, para a qual Judá oferece um cabrito de seu rebanho em troca de prazer sexual, mas quando envia a oferenda, por intermédio de seu amigo Adulamita (Gênesis, 38: 20), a mulher já não está mais na encruzilhada no caminho de Timná, despertando assim um desconforto no patriarca, que manifesta o receio de que a *qdshah* o menospreze (Gênesis, 38: 23).

Tamar não menospreza Judá, pelo contrário, seu objetivo era justamente garantir a descendência que lhe foi negada pelos filhos do patriarca e garantir ainda o destino da linhagem do sogro. Em diversos poemas e hinos que falam sobre reis mesopotâmicos, a deusa Inanna aparece decretando o destino desses reis ou legitimando seus reinados, por vezes, através de intercuro sexual, assim como Tamar que decreta o destino do pastor Judá quando ele se envolve sexualmente com ela e, nesse momento, gera sua descendência, a qual pertence a uma linhagem considerada muito importante na história do povo hebreu.

Inanna decreta o destino do rei que personifica o deus pastor Dumuzi, conforme podemos observar na narrativa do hino chamado de "(la) Bénédiction de Šulgi"¹¹ que foi apresentado e contextualizado pelo renomado assiriólogo Samuel Noah Kramer (1972). Šulgi foi o rei que governou Ur no final do terceiro milênio, e a sua narrativa fala da viagem desse rei até o santuário de Inanna, onde ele descarrega animais para oferecer em sacrifício à deusa e, assim, ela entoalhe um cântico apaixonado:

Quando para o touro selvagem, para o Senhor,
eu ter-me-ei banhado,

Quando para o pastor Dumuzi, eu ter-me-ei
banhado

Quando com... eu terei enfeitado meus lados

¹⁰ Um dos elementos que indica essa entrada em um espaço sagrado são as tamareiras logo atrás da sacerdotisa, visto que tamareiras estão ligadas à deusa Inanna: atrás dessa personagem (da sacerdotisa) encontram-se as figuras de duas tamareiras, denominados MUŠ, a franquear a entrada. Claudia Suter propõe que os MUŠ, que ela qualifica como padrões de Inanna, teriam como função representar a delimitação do espaço sagrado. Esses seriam marcadores de luminosidade, pois sinalizam a presença da respectiva divindade em um determinado lugar, objeto ou pessoa. Além disso, a presença desse símbolo impediria a interpretação de que a mulher à frente do recinto fosse a deusa. Daí a acreditar que o recinto se refere a um espaço sagrado, porque é demarcado pelo MUŠ, que representa a presença e a propriedade da divindade (DUPLA, 2016a, p. 120).

¹¹ Do original: (a) Consagração de Šulgi.

Quando com âmbar eu terei recoberto minha boca
Quando com kohl eu terei pintado meus olhos,
Quando suas belas mãos, minhas costas terão
apertado.
Quando o senhor estendido do lado de Inanna,
o pastor Dumuzi,
Com leite e creme terá alisado (?) o peito,
Quando na minha vulva ele terá colocado
sua mão...
Quando como seu navio negro ele o terá...
Quando como seu navio "estreito", ele o terá...
Quando sobre o leito, ele ter-me-ei acariciado,
Então eu acariciarei meu senhor, um doce
destino eu lhe decretarei,
Eu acariciarei Šulgi, o pastor fiel, um doce
destino eu lhe ordenarei,
Eu acariciarei suas costas, o cargo de ser o
pastor do país,
Eu o decretarei para seu destino [...] (KRAMER,
1972, p. 131-132, tradução nossa).¹²

Podemos perceber, nesse hino, que o rei enfaticamente reivindica o estatuto do pastor Dumuzi, colocando-se no posto de marido de Inanna, fator que lhe confere também legitimidade para governar Ur ao lado da deusa. Percebemos, ainda, que as narrativas referentes a Inanna têm recorrentes relações com o intercuro sexual, visto que a deusa governava o sexo em três modalidades principais: como reprodução¹³ – como sobrevivência e energia criadora –; como prazer – sensual ou selvagem –; e o sexo como sagrado – meio de conhecimento e encontro com o divino (DUPLA, 2016). É a partir dessas três esferas ligadas ao sexo que a deusa "governou os homens e suas instituições sempre marcando seu território a partir de seu leito" (DUPLA, 2016, p. 124), da mesma forma que Tamar, em troca de prazer sexual, governou Judá apropriando-se dos pertences que expressavam seu poder como patriarca e como pastor (ao tomar-lhe o cajado) entre os hebreus.

Por estar presente em ritos de sexualidade e de fertilidade e ser considerada a deusa da cópula por excelência (DUPLA, 2012, p. 203) é que Inanna foi considerada deusa regente e, muitas vezes, comparada com a prostituta em composições que lhe foram dedicadas, tanto no que se refere à ideia de prostituição ligada ao sagrado nas atividades sexuais de sacerdotisas do seu templo, e mesmo no que tange a personificação da deusa em uma sacerdotisa, que tinha um intercuro sexual com o rei, quanto nas prostitutas que trabalhavam em cervejarias e nas ruas da cidade. Simone Dupla (2016), cita um desses hinos que está disponível no acervo do *Corpus Eletronic of Sumerian Literature*, no qual a deusa é associada à noite e à função do prostíbulo:

[...] Como uma prostituta que você vai até a taberna [...]. Quando os servos deixam os rebanhos soltos, e quando o gado e ovelhas são devolvidos ao curral e o aprisco, então, minha senhora, como os pobres sem nome, você veste apenas uma única peça de roupa. As pérolas de uma prostituta são colocadas em torno de seu pescoço, e você provavelmente solicita um homem na taverna (DUPLA, 2016, p.103).

Nesse trecho, é descrita uma situação de final de tarde onde as pessoas terminam seus trabalhos de pastoreio e, nesse sentido, estão livres para ir à taberna, no lugar onde está Inanna como deusa protetora das prostitutas e das cervejeiras. Essa ideia da deusa Inanna como mãe das prostitutas estava presente nas crenças e no cotidiano da população mesopotâmica, um exemplo disso é que podemos encontrar menções a isso em um encantamento de amor sumério:

Conjuro amoroso sumério

A jovem que presta na rua seus serviços, a jovem, a prostituta, a filha de Inanna que presta seus serviços nas pousadas é toda manteiga, é toda nata, é a vaca, a suprema mulher Inanna, o armazém de Enki. A jovem, quando se senta, é um pomar de maçãs florido, quando se encosta

¹² Do original: Quand pour le taureau sauvage, pour le seigneur, je me serai baignée./ Quand pour le berger Dumuzi, je me serai baignée./ Quand avec... j'aurai paré mes flancs./ Quand avec de l'ambre j'aurai enduit ma bouche/ Quand avec du kohl j'aurai peint mes yeux./ Quand de ses belles mains mes reins auront été pétris./ Quand le seigneur, étendu au côté d'Inanna, le berger Dumuzi./ Avec du lait et de la crème aura lissé (?) le sein./ Quand sur ma vulve il aura posé sa main.../ Quand comme son vaisseau noir il l'aura.../ Quand comme son vaisseau « étroit » il l'aura.../ Quand sur le lit il m'aura caressée./ Alors je caresserai mon seigneur, un doux destin je décréterai pour lui./ Je caresserai Sulgi, le berger fidèle, un doux destin je décréterai pour lui./ Je caresserai ses reins, la charge d'être le berger du pays./ Je la décréterai pour son destin [...].

¹³ Destaco aqui que a ideia de reprodução como atributo de Inanna se refere à reprodução no contexto da fauna e da flora e não como reprodução humana.

é a alegria do verão. Estendo a ela meu querer, o querer do meu carinho, estendo a ela a mão, a mão do carinho, dirijo até ela meu pé, o pé do carinho [...]. Quando tiveres vertido nata de uma vaca pura, leite de uma vaca-mãe, nata de uma vaca, nata de uma vaca branca em uma taça verde e tiveres tocado com eles (o leite e a nata) os peitos da jovem [...]. Que a jovem não me feche a porta aberta, nem descuide de seu filho que chora, e que venha atrás de mim (LÓPEZ; SANMARTÍN, 1993, p. 421-422 apud POZZER, 2008, p. 184).

Por se tratar de um encantamento, um conjuro, provavelmente a narrativa dessa fonte circulava entre a população, sendo de amplo conhecimento, o que leva a crer que a ideia de Inanna relacionada com a prostituição e com a satisfação sexual era amplamente difundida. Nesse excerto, podemos perceber, conforme pontua Kátia Maria Paim Pozzer (2008) que se recorre ao uso de uma linguagem figurada para falar sobre os atributos da deusa, e da mulher, como "provedora de alimento e de vida" (2008, p. 184), visto que é colocada como um pomar frutífero que promove alegria no homem, o armazém que satisfaz Enki.

Nesse sentido, todo o debate em torno da prática de prostituição sagrada está permeado pelos fenômenos que foram discutidos até aqui, ou seja, pelo aspecto de sexualidade e de fertilidade das deusas cultuadas na região do Crescente Fértil e pelas formas de cultos e ritos que eram dedicados a elas, práticas essas que atravessavam fronteiras e apareciam não só entre mesopotâmicos e cananeus, mas também entre os hebreus.

Essa recorrência da prática de cultos às deusas, como Inanna e Ašerá, e de ritos de prostituição cultural entre os hebreus pode estar relacionada com o aspecto de que as mulheres que habitavam no meio desse povo – muitas vezes estrangeiras – eram as pessoas que em geral foram acusadas da prática de cultos a deusas e diferentes de YHWH. Sérgio Aguiar Montalvão (2009) enfatiza a relação que essas deusas tinham com a fertilidade e a sexualidade feminina, fatores esses que não eram contemplados em YHWH, um deus que era servido por sacerdotes homens e possuía atributos masculinos.

Considerando isso, é importante mencionar

que podemos encontrar vestígios de Inanna/Istar mesmo no *Antigo Testamento*, considerando que essa divindade também se fazia conhecer pelo atributo de rainha dos céus. Simone Dupla (2016) cita, inclusive, um fragmento onde a deusa aparece dando testemunho de seus feitos:

Eu sou Ishtar, deusa do entardecer. Eu sou Ishtar, deusa das manhãs! Sou Ishtar, que abre e fecha as portas dos céus, o brilho dos céus reflete minha glória; eu apaziguo os céus, acalmo a terra, para minha glória; sou a que brilha nos céus resplandecentes, cujo nome é brilhante no mundo habitado, para minha glória. Para minha glória, sou proclamada Rainha dos céus tanto acima como abaixo. Para minha glória subjugo, as montanhas, eu sou o cume das montanhas (DUPLA, 2016, p. 51).

Nesse trecho, a deusa evoca esse estatuto de Rainha dos Céus que poderia ser também traduzido por Senhora do Céu ou Soberana do Céu (DUPLA, 2016, p. 83), o que para Sue'Hellen Monteiro de Matos (2014) pode indicar, de modo claro, que a deusa Istar é que aparece como *Meleket hashamayim* ou "rainha dos céus" no livro de Jeremias, capítulo 7,16-20, do *Antigo Testamento*:

Mas tu, não intercedas por este povo e não eleves em seu favor nem lamentos nem preces, e não insistas junto a mim porque não vou te ouvir. Não vês tu o que eles fazem nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém? Os filhos juntam a lenha, os pais acendem o fogo e as mulheres preparam a massa para fazerem tortas à rainha dos céus; depois fazem libações a deuses estrangeiros para me ofenderem. Mas será a mim que eles ofendem?, oráculo de lahweh. Não será a eles mesmos, para a sua própria vergonha? Por isso, assim disse o Senhor lahweh: Eis que minha ira ardente se derramará sobre este lugar, sobre os homens, sobre os animais, sobre as árvores do campo e sobre os frutos da leira. Ela arderá e não se extinguirá (BÍBLIA DE JERUSALÉM, p. 1378).

Nessa narrativa, percebemos que os hebreus são duramente castigados por perpetuarem a realização de festividades ligadas à rainha dos céus e aos deuses considerados estrangeiros. A ira e o ciúme despertados em YHWH manifestam-se por meio de elementos da natureza, mais especificamente, trazendo a devastação dos animais e dos campos frutíferos. Da mesma forma, que o castigo de YHWH consiste em devastar aquilo que é fértil e trazer ruína e desolação, podemos perceber que as práticas de

culto entre os hebreus à chamada rainha dos céus se perpetuam justamente pelo medo da fome e da infertilidade das plantações, por isso, em outra narrativa do *Antigo Testamento*, os hebreus desafiam Jeremias e afirmam que continuaram realizando as festividades e as libações à rainha do Céu:

Todos os homens que sabiam que suas mulheres incensavam deuses estrangeiros e todas as mulheres presentes — uma grande assembleia — (e todo povo que habitava na terra do Egito e em Patros) responderam a Jeremias, dizendo: "A palavra que nos falaste em nome de Iahweh, nós não a queremos escutar. Porque continuaremos a fazer tudo o que prometemos: oferecer incenso à rainha do Céu e fazer-lhe libações, como fazíamos, nós e nossos pais, nossos reis e nossos príncipes, nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém; tínhamos, então, fartura de pão, éramos felizes e não víamos a desgraça. Mas desde que cessamos de oferecer incenso à rainha do Céu e de fazer-lhe libações, tudo nos faltou e nós perecemos pela espada e pela fome. Por outro lado, quando oferecemos incenso à rainha do Céu e quando lhe fazemos libações é, por acaso, sem que saibam nossos maridos que lhe fazemos bolos que a representam e lhe fazemos libações?" (BÍBLIA DE JERUSALÉM, p. 1436).

Percebemos que, quando os hebreus cessaram as oferendas e as festividades para a rainha do Céu, foram acometidos pela fome. Em contrapartida, quando as oferendas eram realizadas eles tinham fartura de pão e eram felizes e, por isso, se negam a escutar o que YHWH teria para lhes dizer, dando ênfase para o atributo de fertilidade regido pela deusa. Além disso, a narrativa demarca que os cultos realizados para a rainha do Céu não são uma prática exclusiva das mulheres, as quais denunciam que seus maridos sabiam das libações que eram feitas.

O que busquei demonstrar até aqui foi a conexão da prática de Tamar com diversos ritos e práticas de culto da região do antigo Crescente Fértil, as quais envolviam prostituição, sexo e busca da fertilidade. Porém, não é somente esse contexto em que a ação de Tamar está inserida e os elementos que a narrativa apresenta — principalmente a própria ideia de prostituição sagrada — nos mostram que se trata de uma prática ritualística. A própria estrutura do que se passa na narrativa tem esse cunho de rito. Gostaria de finalizar a presente discussão com

a análise dessa estrutura.

Aline Dias da Silveira (2013) coloca que existem três elementos primordiais que compõem a estrutura ritualística: o primeiro deles é o ambiente de encontro, o ambiente onde o pacto é estabelecido (2013, p. 35), que geralmente é natural, desabitado e evoca esse limiar entre o mundo conhecido e o mundo do além ou sagrado (2013, p. 17). Na narrativa de Tamar, ela espera por Judá na encruzilhada que está sobre o caminho de Timná e, depois, estabelece o pacto com ele nesse local. Quando o amigo de Judá vai procurá-la para entregar o cabrito, ele questiona aos homens do lugar dizendo: "Aonde está a consagrada (à prostituição) que estava à vista no caminho?"; esses trechos permitem pensar que Tamar não se encontra em um lugar fixo, ela está "no caminho", em um lugar de passagem ou "na entrada", uma encruzilhada, ou seja, um limiar entre um lugar e outro, ou o que Silveira (2013) chama de "fronteira" onde o ritual é efetuado (2013, p. 37). É justamente por ser essa fronteira entre os mundos e por ser um espaço sagrado que esse lugar só existe no momento do ritual para o qual é constituído, como um lugar suspenso, justamente nesse sentido é que quando o amigo de Judá procura pela *qdshah* no lugar descrito pelo patriarca os "homens do lugar" respondem que "Não havia aqui nenhuma consagrada" (Gênesis 38, 21).

O segundo elemento é o poder da palavra, "evidenciada numa sociedade pautada pela oralidade" (2013, p. 18). Na narrativa de Tamar, esse elemento se manifesta justamente no momento do pacto que Judá faz com ela, quando o patriarca diz "Venha, rogo, estarei contigo" e Tamar responde "Que me darás quando vieres a mim?" e, depois disso, o pacto é selado pela promessa de envio do cabrito e pelos penhores do anel-selo, o manto e a vara (cajado) de Judá. Esses elementos fazem referência ao que Silveira (2013) chama de "perguntas de aceitação que são feitas e pelas quais as condições são estabelecidas" (2013, p. 39).

O terceiro elemento discutido por Silveira (2013, p. 18) é o sacrifício, esse sacrifício é sempre

sagrado – a própria etimologia da palavra vem do latim *sacrificium*, pela união de *sacer* que significa consagrado, santo e *oficium* que significa dever, ou seja, dever consagrado – (2013, p. 44-45), considerando que no momento do ritual algo deve ser deixado ou tributado para que “uma nova aliança se estabeleça. Esse é o ‘*sacrificium*’” (2013, p. 44). É pelo sacrifício que o rito presentifica o mito, pois é por meio dele que o ritual abre passagem para o tempo mítico que é vivido novamente (2013, p. 46). A autora também discute a presença do “animal sagrado” (2013, p. 47) nos sacrifícios, e é justamente esse elemento que aparece na narrativa de Tamar, mais especificamente, uma promessa de sacrifício quando Judá afirma que enviará um cabrito do seu rebanho em troca do intercuro sexual com a *qdshah*. O cabrito aparece em outras narrativas do *Antigo Testamento* como animal sagrado que é oferecido no “ritual dos sacrifícios”, como em Levítico, 1, 9, além de ser colocado entre os “animais puros” que podem ser comidos em Deuteronômio 14, 5. Conforme percebemos na narrativa de Gênesis, 38, a entrega do cabrito oferecido a Tamar não é concretizada, pois o amigo de Judá não a encontra para entregar o animal, isso desperta a angustia de Judá que exclama em Gênesis 38, 23 “Que ela o guarde (o penhor), para que não sejamos menosprezados. Eis que envie o cabrito, e tu não a encontres”. Nessa afirmação de Judá ele abre mão (ou sacrifica) dos objetos que legitimam seu poder – o selo, o manto e o cajado –, sendo que esse receio do patriarca em não ser menosprezado pela *qdshah* expressa sua preocupação por não concretizar sua promessa de entregar o cabrito como foi pactuado, uma preocupação bastante coerente se pensarmos que o sacrifício “mantém a aliança e, se não efetivado, algo de mal acontecerá” (SILVEIRA, 2013, p. 49).

Considerações finais

As fontes discutidas aqui nos mostram que o fenômeno que convencionou-se traduzir ou denominar atualmente de “Prostituição Sagrada” consiste de uma variedade de práticas que

estavam presentes em contextos sagrados e ritualísticos, em geral dedicados a deusas que tinham atributos de sexualidade e de fertilidade, e que envolviam intercursos sexuais, algumas vezes obtendo também o pagamento ou a entrega de oferendas ao templo.

Temos uma grande variedade de fontes que nos mostram indícios dessas práticas e uma variedade ainda maior de estilos e tipos de fontes relacionadas a deusas da fertilidade e da sexualidade do antigo Crescente Fértil. Essas fontes são uma evidência da existência de seus cultos, considerando desde a grande quantidade de estatuetas de deusas nuas encontradas, os conjuros mágicos de amor e sexo e até hinos relacionados com reis e seus reinados. Assim, essas deusas eram conhecidas e cultuadas nos mais diversos substratos sociais, tendo entre seus devotos desde a elite real até pessoas comuns que evocavam essas divindades para questões cotidianas. Considerando isso, não é espantoso termos narrativas no *Antigo Testamento* que acusam diversos reis bíblicos de terem erguido altares e acendido incensos para a rainha do Céu e para Aserá, bem como diversas mulheres citadas como estrangeiras tenham se dedicado a esses cultos suplicando por questões voltadas à sexualidade e à fertilidade, ou mesmo buscando uma identificação feminina no sagrado. Todo esse discurso é construído justamente nesse tensionamento entre questões de fé e questões políticas, que envolvem a criação de um mito de origem que legitime a identidade de povo dos hebreus e o fortalecimento de uma crença em torno de um deus único que torna necessário o combate aos cultos dedicados a outras divindades.

Possivelmente, Tamar – também como uma metáfora ao povo hebreu – seria uma conhecedora dos cultos de uma deusa mesopotâmica ou cananea que aliou sua estratégia para vingar-se de Judá com um rito de fertilidade, o qual continha desde a oferenda até o intercuro sexual, que lhe gerou filhos gêmeos. No viés em que trabalho, a relação de Tamar e Judá não é apenas uma relação de nora adúltera e sogro patriarca, mas pode ser compreendida – em

seus elementos, contexto e estrutura – como uma prática ritualística, um ato sagrado que traz a relação de uma sacerdotisa – ou pelo menos de uma personagem que personificou a sacerdotisa aos olhos de Judá, que a tomou como uma *qedesha* – que prestava culto a deusas da fertilidade diante de um homem, patriarca hebreu, que participou desse rito e ainda ofereceu um cabrito como oferenda em troca do prazer sexual proporcionado pela *qedesha*. Esse contexto, ao ser considerado um rito, nos permite dizer que o próprio Judá participa do culto a essas deusas, às quais ele deveria abominar, de acordo com as regras de conduta às quais estava submetido.

Diante dessa análise, seria negligência não colocar em debate a ausência de problematização da conduta de Judá na narrativa de Gênesis, 38, pois nem no desenrolar e nem no desfecho da trama da narrativa o patriarca veio a sofrer algum castigo ou punição – humana ou divina – pela sua conduta de se envolver sexualmente com uma mulher desconhecida que praticava um culto estrangeiro. Isso pode indicar que a importância de manter a linhagem nos discursos atribuídos como mito de origem do povo hebreu justificaria a atitude desapropriada de Judá, considerando que foi o rito de prostituição que garantiu a continuidade de sua casa. Diante desse debate, é importante considerar que as leis pactuadas nas alianças entre os hebreus e seu deus YHWH, que aparecem no Pentateuco, diversas vezes não são rigorosamente seguidas na vida prática e cotidiana, mesmo entre patriarcas e reis, se fazendo necessárias diversas repactuações e o estabelecimento de novas alianças.

Por fim, é importante destacar que o trabalho feito aqui consiste da análise de um determinado recorte de fontes que na verdade faz parte de um debate muito maior e com mais embasamento que resultou em minha dissertação de mestrado, mostrando como a prática da Prostituição Sagrada pode servir como um fio condutor entre essas fontes, evidenciando o compartilhamento de elementos e práticas de culto entre distintos povos do Antigo Crescente Fértil, bem como os conflitos em torno da construção de um

monoteísmo em torno do deus YHWH que precisou construir narrativas para combater as práticas de cultos dedicadas a divindades estrangeiras entre os hebreus. Sendo assim, não é possível afirmar com precisão que de fato a prática da prostituição sagrada ocorria entre os hebreus, porém foi possível tomar a menção dessa prática em uma fonte presente na *Torá* como uma evidência de que se tinha conhecimento sobre isso e problematizar a presença desse fenômeno justamente na narrativa que fala sobre a continuidade da linhagem de Judá.

Referências

- BAHRANI, Zainab. *Iraq's Cultural Heritage: Monuments, History, and Loss*. Art Journal, [S. l.], v. 62, n. 4, p. 10-17, 2003. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3558482>. Acesso em: 9 out. 2017.
- BARBAS, Helena. *A saga de Inana – Antologia de Poemas*. Tradução: Helena Barbas. Lisboa: [s. n.], 2004.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.
- BLACK, Jeremy; GEORGE, Andrew; POSTGATE, Nicholas. *A Concise Dictionary of Akkadian*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2000.
- BOUZON, Emanuel. *O Código de Hammurabi*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- CARBÓ, Guilherme. *Aserá: Indícios del culto a una diosa en el Israel Bíblico*. Buenos Aires: San Pablo, 2012.
- CHOURAQUI, André. *Os homens da bíblia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CORDEIRO, Ana Luiza Alves. ASHERAH: A Deusa Proibida. *Revista Aulas*, [S. l.], n. 4, p. 1-22, 2007.
- DUPLA, Simone Aparecida. *Construções do imaginário religioso no culto a Inanna na antiga mesopotâmia: Símbolos e metáforas de uma deusa multifacetada (3200-1600 a.C.)*. 2016. 179p. Dissertação (Mestrado) -- Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2016.
- DUPLA, Simone Aparecida. *Os domínios de Inanna: permanências de um culto ao sagrado feminino na mesopotâmia*. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 57, p. 193-212, 2012. Disponível em: <http://documentslide.com/documents/os-dominios-de-inanna-permanencias-de-um-culto-ao-sagrado-feminino.html>. Acesso em: 17 nov. 2016. <https://doi.org/10.5380/his.v57i2.30560>
- ETCSL: T.4.08.30. *A song of Inana and Dumuzid (Dumuzid-Inana D1)*. Disponível em: <http://etcsl.orinst.ox.ac.uk/cgi-bin/etcsl.cgi?text=t.4.08.30#>. Acesso em: 15 maio 2017.

KRAMER, Samuel-Noah. *Le Rite de Mariage Sacré Dumuzi-Inanna*. Revue de l'histoire des religions, [S. l.], p. 120-146, 1972. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/rhr_0035-1423_1972_num_181_2_9833. Acesso em: 16 maio 2017. <https://doi.org/10.3406/rhr.1972.9833>

MONTALVÃO, Sérgio Aguiar. *A homossexualidade na bíblia hebraica: um estudo sobre a prostituição sagrada no Antigo Oriente Médio*. 2009. 177 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MOYN, Samuel; SATORI, Andrew. *Global intellectual history*. New York: Columbia University Press. 2013. <https://doi.org/10.7312/moyn16048>

OTTERMANN, Monika. *Morte e Ressurreição na Suméria: A "Descida ao Inferno" de Inana e de Dumuzi e processos de posse e perda de poderes divinos e humanos*. Oracula, São Bernardo do Campo, v. 2, n. 3, p. 1-17, 2006. <https://doi.org/10.15603/1807-8222/oracula.v2n3p15-31>

POZZER, Kátia Maria Paim. *A Magia na Mesopotâmia*. In: FUNARI, Pedro Paulo A.; GLAYDSON, José da; MARTINS, Adilton Luís (org.). *História antiga: contribuições brasileiras*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2008.

SCREMIN, João Valerio. *Por Traz Do Véu... Está Jezabel: A Influência do Culto à Asherah na Cultura Patriarcal Judaica*. Revista EDIFICA, Piracicaba, p. 57-72, 2013.

SILVA, Fernando Candido da. *Uma aliança abominável e pervertida?: anotações subalternas sobre o arquivo deuteronomico*. 2011. 331f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Faculdade de Humanidades e Direito, Programa de Pós Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2011.

SILVA, Josiane Gomes. *Espaço das representações sexuais e eróticas no Egito Antigo*. Revista Espacialidades, [S. l.], v. 5, n. 4, p. 71-98, 2012.

SILVEIRA, Aline Dias da. *O pacto das fadas na Idade Média Ibérica*. São Paulo: Annablume, 2013.

TORÁ: A lei de Moisés. Tradução, explicações e comentários do rabino: Meir Matzliah Melamed. São Paulo: Editora e Livraria Séfer, 2001.

ZDEBSKYI, Janaina de Fátima. Yahweh: um deus à imagem e semelhança do patriarca. In: SILVA, Semiramis Corsi; ESTEVES, Anderson Martins (org.). *Fronteiras Culturais no Mundo Antigo: ensaios sobre Identidades, gênero e religiosidades*. Rio de Janeiro: Pós Clássicas / Faculdade de Letras - UFRJ, 2018. p. 29-40. Disponível em https://www.academia.edu/37596388/Yahweh_um_deus_%C3%A0_imagem_e_semelhan%C3%A7a_do_patriarca._In_SILVA_Sem%C3%ADramis_Corsi_ESTEVES_Anderson_Martins_Orgs._.Fronteiras_Culturais_no_Mundo_Antigo_Ensaio_sobre_Identidades_G%C3%AAnero_e_Religiosidades. Acesso em: 28 out. 2019.

Janaina de Fátima Zdebskyi

Doutoranda em História Global na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, SC, Brasil.

Endereço para correspondência

Janaina de Fátima Zdebskyi

Universidade Federal de Santa Catarina

R. Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n, sala 312, Bloco D do Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Trindade, 88040900

Florianópolis, SC, Brasil